

d'Orey GAZETA



Notas da Redacção

A decana da nossa família, Luisa d'Orey Marchand (rosa), convocou a Gazeta para alguns reparos que tinha a fazer ao último número. É sempre muito gratificante receber críticas construtivas, que neste caso não sendo a primeira vez que nos ajuda com os seus conselhos, muito saber e as suas boas sugestões,

nos motiva a fazer melhor. Na verdade esta Gazeta foi fechada um pouco à pressa. Seria necessário termos um pouco mais de "mãos". O tempo não é elástico. As nossas vidas, profissionais e privadas impõem-nos limites. A transcrição de todos os itens dos Anais da Família Dabney que se referem aos d'Orey foi muito trabalhosa. Aliás, um dos reparos também era que havia informação demasiado longa sobre a vida no Faial. Claro que o texto é longo, mas a decisão de transcrever na íntegra os textos, em vez de fazer um arranjo mais fácil de ler, teve como propósito o partilhar a informação integral referente aos d'Oreys. Assim, cada um fica com uma ideia fiel do olhar dos Dabneys sobre os d'Orey, o modo como lá viviam e como eram apreciados pela sociedade local. Também nos chamou a atenção para a falha de, ao aludirmos o lançamento do livro de Fernando Abecassis, não o termos relacionado com a família. Fica aqui a correcção, para quem não sabe que o Pi (Fernando Abecassis) é casado com a Isabel d'Orey

Marchand (rosa) e como a Gazeta d'Orey foi convidada para a sessão do lançamento e estávamos em cima do fecho, a notícia não teve o cuidado devido. Quanto à falta de notícias da actualidade, ou seja, casamentos, baptizados, celebrações, etc. etc., concordamos inteiramente com o lamento de não terem aparecido ultimamente! Lembrem-se que a Gazeta d'Orey é de todos os d'Oreys e que há muitos que gostam de partilhar as alegrias e as tristezas da FAMÍLIA! Como diz o ditado "quem partilha uma alegria, aumenta a alegria, quem partilha uma tristeza, divide/diminui a tristeza". Nunca é demais afirmar que a Redacção não tem profissionais com o tempo exclusivo para a busca dessas notícias.

Recebemos de Los Angeles a apreciação muito simpática do Francisco Cabral (amarelo e laranja) que gostou imenso de cheirar a vida no Faial. O João Azevedo Coutinho (castanho) também nos mimou ao transmitir o seu entusiasmo pelo teor deste último número. A Rica d'Orey Câmara (amarelo) também gostou muito de conhecer a vida no Faial dos fundadores da nossa família. Informamos que a próxima Gazeta d'Orey é como que uma continuação desta. Ainda temos muita informação sobre Maria Helena e Waldemar d'Orey, assim como artigos prometidos que ainda não chegaram.

Das Memórias da Quinta da Regaleira de Fernando L. Cardoso d'Orey - 17º filho de Waldemar Jara d'Orey (amarelo)

Uma das festas de família mais bonitas e que mais nos tocava era o Natal. Na véspera do Natal por volta das 10 horas da noite jantava-se na "casa dos pequenos almoços" um péssimo arroz de peixe e pastéis de bacalhau; era uma refeição leve, pois o dia era de jejum e abstinência. Sempre me lembro de ter detestado aqueles jantares e rapidamente saía da mesa. O jantar seguia-se à "árvore de Natal" que se armava na sala Renascença onde se cantavam canções alemãs como "oh tannen baum" dançando à volta da árvore e se trocavam presentes. As portas da sala Renascença eram abertas por volta das sete e meia da noite. Só brilhavam as velas da árvore de Natal e nessa penumbra adivinhavam-se os presentes das crianças distribuídos ao longo



das paredes e onde cada criança tinha o seu canto. A excitação das crianças perante este ambiente maravilhoso era contagiante. Era um ambiente que fascinava também os adultos: havia uma alegria espontânea e um calor muito especial. A celebração do Natal na família d'Orey não tinha nada de português: não havia consoada nem satapinho na chaminé! Era um misto de cerimonial germânico pagão com ritual católico. Nessa noite todas as criadas vinham até à sala Renascença onde recebiam um pequeno presente da mãe acompanhado de um sobrescrito. A missa começava pontualmente à meia-noite a não ser que houvesse um excesso de pessoas para se confessarem. Nos anos cinquenta ainda se rezavam 3 missas e em latim. O celebrante foi durante muitos anos o Padre Gaston Revelard. As três missas, com comunhão só para os cantores na 1ª e comunhão para a generalidade das pessoas na 2ª, levavam menos de uma hora a celebrar incluindo o beijo no pé do Menino Jesus. O Francisco e o Miguel organizavam as cantorias e a Carmelita tocava órgão. Também a Isabel e o Maná, honra lhes seja feita, foram sempre dois pilares permanentes do coro. Depois da missa já a 25 de Dezembro, ceava-se na casa de jantar principal, preparada desde a manhã para o efeito. Havia sempre o ritual do "plum pudding" que a mãe regava com rum e incendiava com as luzes apagadas. O dia de Natal propriamente dito era um dia morto.

No dia 31 de Dezembro à meia-noite servia-se "punch" feito com rum, rodela de laranja e chá, preparado numa enorme taça de prata cuja capacidade era superior a 5 litros. Acompanhavam-se as doze badaladas da meia noite engolindo rapidamente doze passas e apoiados unicamente no pé direito para entrar bem no ano novo. Infelizmente nós os mais novos éramos obrigados a participar nesta cerimónia pagã (não se celebrava a Epifania) e chegámos sempre tarde às festas de fim do ano para onde éramos convidados. O Maná e o Jorge não si porquê, talvez por serem netos, estavam dispensados destas cerimónias. No dia de Ano Novo havia então um jantar de família, em geral servido pelo Manuel da Parada. Para mim, da época do Natal, essencialmente só me recordo de preguiçar confortavelmente pelas salas excessivamente aquecidas, sentado num sofá a ler os muitos livros que recebia na altura ou a observar a Carmelita, e mais tarde a Bébé, a construírem complicadíssimos puzzles sobre uma mesa na sala do bilhar, o que eu admirava por me considerar incapaz de o fazer.

Redacção: **Tim-Tim** (laranja) email: [timmim_milu@hotmail.com](mailto:timmtim_milu@hotmail.com) Nico (verde) email: anamaria@orexorex.net

Morada: **Rua Afonso de Albuquerque, 14 2780 - 307 Santo Amaro de Oeiras** Fax: 214 213 156 www.dorey.pt

Distribuição: **Luisa Loureiro** (laranja) email: mlloureiro@domusvida.com Paginação e imagem: **Bruno d'Orey Slewinski** (verde)

A **Gazeta d'Orey** é uma publicação periódica, de distribuição gratuita, com carácter familiar, sem qualquer intuito comercial. Tem como objectivo, apenas, a comunicação no seio da família d'Orey.



ALGUMAS COISAS ANTES DA REGALEIRA

por Rodrigo Cardoso d'Orey (7º filho)

Vou contar alguma coisa antes da Regaleira. Os pais quando casaram foram viver para a Quinta Grande no Seixal (propriedade do meu avô e que julgo que o meu pai administrava. Durante esse primeiro tempo nasceram o Rui, Maria Helena (Bijou) e julgo que a Maria do Carmo (Carmelita). Depois disso vieram para Lisboa, julgo que para a Rua de S. Bernardo, e depois para a Rua de Buenos Aires. Finalmente compraram a Rua de S. Caetano onde viveram até ao fim da vida.

Entretanto compraram a Quinta de Santo António onde passamos os verões até 1928, data em que foi vendida. É desta Quinta rural que tenho mais e melhores recordações. Teria sido em tempos um convento, que juntou à quinta grande com 2 casas de caseiro e no conjunto teria uma área de 10 hectares. Nós, os mais novos andávamos descalços e fazíamos sacrifício quando tínhamos que nos calçar aos Domingos para ir à Missa (geralmente a S. Martinho). A casa grande com rés do chão e primeiro andar, tinha no rés do chão uma cocheira mais duas garagens, uma vacaria (para três vacas) mais instalação para fazer manteiga e outros tratamentos do leite. Na frente da vacaria havia um razoável terreiro onde estava o gado galináceo e finalmente o curral do ou dos porcos. No 1º andar vivia a família, ao lado da casa uma capela que não chegou a ser activada. A quinta tinha duas boas vinhas, adega com lagar e prensas, toneis e pipas. O resto da quinta era plantado com pomares e horta. A Mãe com a sua extrema habilidade, todos os anos mandava matar o porco e procedia ao seu desmancho, tratamento da carne, mais chouriços, etc. que eram uma

delícia. Por fim ainda metia parte da carne em salgadeiras. Além desta deliciosa parte rural havia um ténis onde os manos mais velhos faziam a sua vida social (sintrense). Embora sempre sobre o controlo da Mãe vivíamos uma liberdade rural que adorávamos. Se não erro nasceram em Galamares o Miguel e a Ulrika assistidos, como todos, pela Miss Price.



Reunião de todos os irmãos na inauguração da casa da Rua de S. Caetano

TONY (10º FILHO) CONTA SOBRE O SEU PAI...

por Ana Maria Garcez d'Orey Slewinski (verde)

Trabalhou com o seu Pai, assim como os seus irmãos Rui, Waldemar, Rodrigo e José, mas só ele como administrador da sociedade agrícola (Quinta da Alegria) que o seu Pai comprou a 15 de Maio de 1944 na Azambuja. Os outros irmãos trabalharam com o Pai em empreitadas de construção civil.

A 25 de Outubro de 1925, no dia em que nasceu o seu 11º “rebento”, a Xinxá (Maria da Assunção), Waldemar d'Orey constituiu uma sociedade, com o seu Pai, tio Fritz, tio Billy, seu primo Willy d'Orey, seu irmão Vasco e Júlio Sá Carneiro, para empreitadas de construção civil. As estradas em Portugal estava na época num estado deplorável, havia portanto muito para fazer neste sector. O Tony deu como exemplo o facto em que na altura da Pneumónica (terrível doença que matou muita gente em 1919) o seu Pai resolver ir com a sua família (era o Rodrigo bebé) para o Bussaco, no seu carro. Conseguiu realmente chegar ao Bussaco mas teve que ir via Castelo Branco! Impossível lá chegar sem este desvio inacreditável. Veio a propósito contar, que já então no Bussaco toda a gente adoeceu, incluindo o pessoal do Hotel, tendo a sua Mãe ido para a cozinha fazer canja (alimento exclusivo que se dava a doentes na época) para toda a gente. Voltando à sociedade para empreitadas de construção civil, sem conseguir enumerar todas as estradas que o seu Pai fez de norte a sul de Portugal, o Tony salienta as duas mais importantes. A estrada Marginal de Lisboa (Bom Sucesso) a Oeiras e o Canal do Tejo (em 1936 associado como firma Moniz da Maia). A água que chegava a Lisboa pelo Aqueduto das Águas Livres há muito que não era suficiente, nem tão pouco o Canal do Alviela. Fez também o porto de Aveiro e como concorrer para a construção do Porto de Leixões a família esteve uns tempos a viver na Foz do Douro. O caminho de ferro da cintura do Porto também foi obra executada pela sociedade do seu Pai.

O Tony conta que, depois duma estrada que fizeram em Bragança o

cilindrador teve que trazer o cilindro, que trabalhava a vapor, para Lisboa. Evidentemente que o cilindro vinha a “passo de cilindro”. Havia uns empreiteiros que precisaram do cilindro. Lá trataram com o cilindrador para ele dar um “jeito”. Enquanto usavam o cilindro levavam o cilindrador às touradas a Salamanca, que como bom alentejano gostava muito e talvez o compensassem com mais alguma coisa. Parece que isto aconteceu algumas vezes e com “gente conhecida”.



Maria da Assunção na Quinta da Alegria

WALDEMAR E MARIA HELENA

por Maria Ulrika Cardoso d' Orey (13ª filha)

Casaram a 20 de Janeiro de 1909 e tiveram 18 filhos, Estiveram casados 66 anos! A Mãe ainda com 17 anos e o Pai era uma “grande senhor” de 22 anos! Parece que neste casal tudo foi em grande! Era um casal muito dedicado um ao outro, tendo personalidades bem diferentes. O Pai era um romântico, trabalhador incansável, vivia para a sua mulher, trabalho e família. Desprendido por completo com o seu aspecto exterior, não ligava de todo ao seu aspecto físico, ao que vestia, fosse em que altura fosse. A Mãe, para além de todas as atenções que nunca faltaram ao seu marido e à família que lhe dava uma “trabalheira” dado o tamanho, adorava ter a casa cheia, a porta sempre aberta para quem viesse. Eram mandadas fazer refeições para muitos! Se viessem menos, ficava para a refeição seguinte, se viessem a mais, imagino que todos comiam um pouco menos, o que sei é que a Mãe ficava aflitíssima.

A Mãe gostava de viver à noite. Depois das 10 horas florescia! Se as condições da sua vida tivessem sido diferentes, iria a tudo que fosse teatro, revista, concertos etc. Adorava conversar, tinha uma memória fantástica, imensa graça e um enorme espírito de observação. Sabia tudo do “antigamente” sobre a família. Um dia a Lélinha (amarelo e verde)(filha do tio Vasco) disse-lhe que gostava de gravar o que ela contava. Ainda hoje diz que está arrependida de o não ter feito pois perdeu-se “muita informação”.

O Pai gostava muito de ópera. Tinham assinatura no S. Carlos. Lembro-me de aos Domingos ouvir Wagner a tarde inteira e de sentir o cheiro do charuto que o Pai saboreava por muito tempo. A Mãe era uma pessoa muito alegre, mas muito autoritária, aliás com uma família daquele tamanho teria que ser. O Pai era muito meigo, principalmente para as filhas e as crianças estavam sempre à sua roda.

Após casados foram viver para a quinta Grande propriedade do avô na região de Arrentela (Seixal), onde nasceram os meus irmãos mais velhos, o Ruy e a Bijou. Quando o Avô vendeu essa propriedade vieram para Lisboa com muita pena da Mãe que adorava viver na quinta. O Pai foi trabalhar para a Orey Antunes, para a Navegação e viveram na Calçada da Estrela, na Rua de Buenos Aires, até terem comprado a Rua de São Caetano em 1920 já com 7 filhos (6 porque a Mana morreu ainda bebé). O 1º a nascer na R. de São Caetano foi o Zé e depois todos os outros com excepção do Miguel e eu própria, que nasceram na quinta em Galamares e a Isabel que nasceu no Porto.

Por volta de 1926 o Pai tornou-se independente e começou a fazer estradas e pontes (por exemplo a estrada Marginal de Cascais) por todo o País, durante o resto da sua vida..

O Pai adorava a natureza e desde sempre o vi a “namorar” os jardins da Quinta da Regaleira . Em 1949 realizou o seu sonho, comprando a quinta, na qual teve que fazer imensas obras tanto na casa como nos jardins, mas conseguiu realmente fazer da quinta, uma beleza o “seu paraíso” e de todos nós. As filhas (fotografia digitalizada nº 11 o a de Waldemar a levar uma filha ao altar) e netas casamos lá, e vários netos foram lá baptizados na Capela da Quinta.

Sobre a parte profissional acho que o manos Rodrigo e Tony darão melhores informações do que eu embora nós mais novos na altura, íamos imensas vezes com o Pai aos trabalhos, lembro-me muito bem da estrada marginal, do canal do Tejo e outras obras em construção.

Waldemar acompanha uma das filhas ao altar

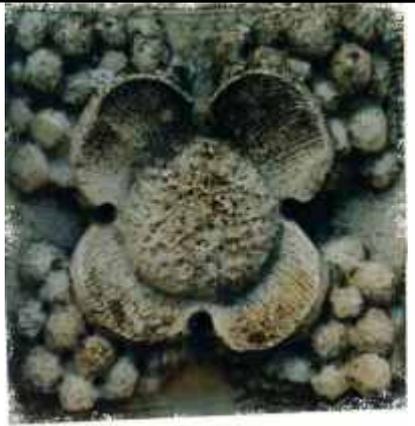
A PATRÍCIA MARIA HUSUM D'OREY

por Ana Maria Garcez d'Orey Slewinski (verde)

Julga não ser a pessoa indicada para falar sobre a Regaleira no seu dia a dia e que há “tanta gente tão mais ligada...que pode e o DEVE fazer”. A vivência na Regaleira foi muito marcante para ela e até tem algumas histórias para contar, mas não quer esse protagonismo. Diz que o seu Pai Eduardo, costumava plantar as árvores de Natal nos Jardins da Regaleira nos anos dos nascimentos dos filhos e sabia exactamente onde estavam. A que corresponde ao seu nascimento, lembra-se de ouvir dizer que vingou. Lamenta não se ter informado a tempo quais eram essas árvores! Para as crianças o Natal na Regaleira “era mágico, intenso, único. Começava às 8 com um jantar com todos, seguido da árvore de natal, cantávamos à volta da árvore em várias rodas (eramos muitos!) e depois abríamos os presentes. Imagine o que são pelo menos 14 famílias a abrir os presentes em simultâneo...Pelas 11, o tio Francisco, o Maná, o tio Miguel vinham connosco, os mais novos, que eram quem cantavam, ensaiar as canções do Natal em alemão, embora a maior parte de nós nem falasse alemão. À meia noite começava a missa. Nem sei como é que aquela enorme família cabia naquela capela tão pequena, e muito menos nós todos lá em cima no coro... Muitos de nós mal nos aguentávamos de sono, mas era lindo... A seguir à missa ainda tínhamos uma magnífica ceia.” Teve um desgosto enorme de não ter podido casar na Regaleira. Estavam de luto pela avó Maria Helena. Vingou-se com o baptizado da sua filha Carmo que foi lindo e a única festa alguma vez feita na patinagem, na época, claro. Enquanto os avós foram vivos reuniam-se pelo menos cinco vezes por ano, Natal e dia de Ano Novo, na Quinta da Regaleira, nos dias dos anos do Avô e da Avó, e no Domingo de Páscoa na Rua de S. Caetano. Depois da morte da avó Helena em 1982, os tios decidiram criar um “fundo de família”,

reservando uma parte da herança dos Pais para, entre outras coisas, contribuir para a realização de uma reunião familiar anual, dando continuidade ao que fora feito pelos Avós. E assim foi, durante 23 anos em que primeiro eram os tios a organizar e depois passaram a pasta à geração seguinte. Foram sempre momentos muito especiais para todos os que puderam ir, sobretudo para os mais novos, que já só tiveram essa oportunidade para conhecer a família. Esses jantares foram sempre animados encontros de uma multidão de primos que tiveram a sorte de crescer juntos num magnífico ambiente de família proporcionado pelos Avós, que os Tios, com esta iniciativa ajudaram a preservar até pudermos.





MISSAS, CASAMENTOS E BAPTIZADOS - das MEMÓRIAS DA QUINTA DA REGALEIRA

por Fernando L. Cardoso d'Orey (17º filho)



Último Natal na Regaleira, em 1987

Numa família tão católica a capela e todas as actividades religiosas tiveram um papel muito importante. Julgo que foi o Prior da Estrela, Cónego António Campos, mais tarde primeiro bispo de Santarém, que benzeu a Capela que foi dedicada a N^a S^a da Assunção. Aqui também se disse a 1^a Missa que foi celebrada na Capela construída por Carvalho Monteiro. Este tencionava dedicar a capela à SS. Trindade. A primeira criança a ser baptizada foi a Maria João, filha mais nova da minha irmã Bijou, julgo que em Outubro de 1950. O primeiro casamento foi o da Xinxá e Malau Arriga e Cunha em Setembro de 1951, seguindo-se a Ricka e Francisco da Camara em Junho de 1953 e a Isabel e Jorge Santiago em Dezembro do mesmo ano. Em Março de 1959 casou a Maria e o Fernando Vilas-Boas. Quatro das minhas irmãs aqui casaram e possivelmente mais de 50 sobrinhos foram baptizados. Dos rapazes eu fui o único que aqui casei com a Tisha Burke em 7 de Julho de 1967. A Helena e a Bébé, filhas da Carmelita, foram as primeiras a fazer a 1^a Comunhão a 8 de Dezembro de 1951. O último baptizado na Capela da Quinta realizou-se em Julho de 1987, duas sobrinhas-netas filhas respectivamente do Waldemar (filho mais velho do Ruy) e da Patrícia (filha mais velha do Eduardo). A última missa realizou-se no Natal desse mesmo ano.

Durante qualquer acto de culto mantinha-se aberto o portão principal, para acesso do público, o que foi sempre escrupulosamente respeitado. De início abria-se a pequena porta junto à casa do caseiro entre as 5 e 7 da tarde para que o público pudesse aqui vir rezar, mas isto não durou muito. Existia um corredor e túnel que dava acesso da casa principal à cripta da Capela, que não era muito usado, julgo que só o foi no Natal de 1973 por causa da chuva diluviana. Isto não presenciei por nessa altura estar a viver em África.

Nos primeiros anos na Regaleira um dos três mais novos tinha de estar disponível às dez da manhã de Domingo para ajudar à missa o que era maçador para quem se tivesse deitado às seis da manhã. Se o Eduardo passasse lá o fim de semana em geral disponibilizava-se para ajudar a missa. O Zé, não sei porquê, nunca quis ajudar à missa. Não indo à missa da Regaleira a alternativa era a Missa do meio dia na Igreja de S. Martinho. Era então o Prior desta freguesia o Padre Amaro, célebre pelas suas *gaffes* e pelos enormes e maçadores sermões. Ao começar o sermão todos os homens e algumas mulheres que ficavam na parte detrás da Igreja saíam ostensivamente para o adro e aí esperavam que a Missa recomeçasse. Com frequência o Padre Amaro implorava às pessoas que não saíssem mas sem grande sucesso. Lembro-me do Eduardo Moser que ia primeiro ao Zacarias comprar o Diário de Notícias, sentava-se num banco de pedra do adro da Igreja a ler o jornal e esperava pelo fim do sermão e início do *Canon* para entrar então na Igreja. Já era um hábito as pessoas saírem da Igreja a meio da missa mas quando em meados dos anos 50 o Padre Amaro morreu, o seu substituto ficou pasmado com o que acontecia. Mandou fechar a porta grande do guarda vento mas isto não resultou porque as pessoas saíam pelas portas laterais. Era já um hábito! O remédio drástico foi fechar a porta traseira o que tinha o enorme inconveniente de alongar enormemente o tempo de saída quando a missa terminava, não falando do perigo em caso de incêndio. Com a porta traseira (que dava para o adro) fechado não se sabia quando a missa recomeçava e o hábito de sair durante o sermão foi aos poucos desaparecendo embora ainda houvesse quem resistisse heroicamente.



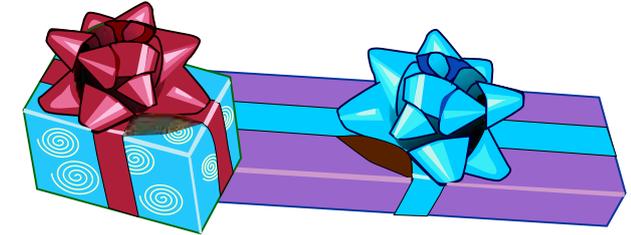
Casamento de Fernando Cardoso d'Orey com Tisha Burke, a 7 de Julho de 1967



Casamento de Gaibéu e Jorge, em Dezembro de 1953



Festa de Baptizado



Casamento na Quinta da Regaleira



OS TIOS MARIA HELENA E WALDEMAR

por Tim-Tim (Maria Teresa Sacadura Botte) (laranja)

Enquanto estudei nas Oblatas e na Escola de Educadores da Maria Ulrich tive como companheira a Mariazinha d'Orey que além de prima era (e sou) muito amiga. Nesses anos já longínquos tinha sempre uma cama feita na casa antiga da Rua de S. Caetano da tia Maria Helena e do tio Waldemar a quem fiquei ligada por uma grande amizade e a quem recordo com muito saudade.

Um dia o tio Waldemar contou-me uma história tão engraçada que nunca mais a esqueci. Andava ele nas empreitadas das estradas, no Ribatejo, e levava uma mala com dinheiro para pagar a semana do pessoal, quando teve uma “panne” no automóvel e foi obrigado a passar a noite num palheiro, pois não havia hotel ou pensão nas redondezas. O travesseiro era a mala e a segurança, a pistola que ele levava sempre nessas ocasiões. Foi acordado a meio da noite por um barulho estranho e como não houve resposta ao “quem está aí” ele disparou dois tiros na direcção donde vinha o ruído. Fez-se um grande silêncio, e o tio continuou a dormir calmamente, até que de manhãzinha descobriu que tinha morto um burro. Lá teve que pagar o burro à dona...e depois de pagar as jornas e reparar o carro voltou para casa após uma noite que lhe saiu bem cara - o preço dum burro.

A NOSSA PRIMA NINA

Maria das Dores d'Orey Azevedo Coutinho Oom (castanho)

Fez 70 anos e os filhos resolveram festeja-la. E que festejo! Ulricka, benjaminina dos 7 filhos abriu as portas da sua linda e grande casa na Junqueira e convidaram amigos e família, entre os quais estavam muitos d'Oreys. Com muita simplicidade e amizade, com um delicioso chá, com bolinhos e petiscos, fizeram uma festa fantástica. Parabéns à Nina pelos anos e pelos filhos e netos que tão bem a souberam festejar.



Janela da Sala Renascença, sobre a entrada principal



Uma das janelas da Casa de Jantar



Imagem fantástica, incluída nas Memórias da Quinta da Regaleira, de Fernando L. Cardoso d'Orey, da Casa de Jantar, com fogão da autoria de José da Fonseca, estátuas de Caçador e cães de Rodrigo de Castro, além das pinturas laterais da autoria de Baeta Dias sobre desenho de Manini